TPBCI | Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

DOS BAÚS DE ENXOVAIS ÀS PASSARELAS DA MODA: informação, memória, cultura e identidade no contexto da renda renascença

FROM TROUSSEAU CHESTS TO FASHION CATWALKS: information, memory, culture and identity in the context of renaissance lace

Geysa Flávia Câmara de Lima [1]
Carlos Xavier de Azevedo Netto [2]

Resumo: A presente pesquisa objetiva compreender como as memórias individuais e coletivas das rendeiras de Camaláu-PB auxiliam a construção das identidades locais na construção artística da produção de rendas renascença. Tratamos de mostrar como essa produção se organiza no espaço da cooperativa e do núcleo familiar de rendeiras existente na área pesquisada. O trabalho, alicerçado na Ciência da Informação, a partir da linha de pesquisa Informação, Memória e Sociedade, renovará a densidade do olhar por meio de novos cruzamentos de interpretações sobre como vivem e resistem, como pensam e estabelecem relações próprias, ou apropriadas, as mulheres dessa região. Nesta perspectiva, tratamos de unir a abordagem etnográfica, documentando fotograficamente a rendeira na unidade de produção familiar e na cooperativa, mapeando as técnicas desenvolvidas e utilizadas. A pesquisa revisitou os espaços de vida e lembranças das rendeiras, a partir de um estudo qualitativo que reuniu técnicas interpretativas para descrever e explicar os componentes do sistema de valores que dão significados às práticas culturais da mulher rendeira. A partir das narrativas dessas mulheres, discutimos a preservação, apropriação e democratização das relações no contexto dos ambientes de informação e memória, do patrimônio cultural e da construção de identidades.

Palavras-chave: Informação. Memória. Renda Renascença. Identidade. Patrimônio Cultural.

Abstract: *This research aims to understand how the individual and collective memories of the lacemakers of Camaláu-PB help the construction of local identities in the artistic*

[1] Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (2019). Professora do Departamento de Ciência da Informação/UFPB. E-mail: geysaflavia@gmail.com

[2] Doutor em Ciência da Informação pela Escola de Comunicação pela UFRJ (2001). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, no Departamento de Ciência da Informação, docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFPB, E-mail: xaviernetto@gmail.com.

construction of the production of renaissance lace. We try to show how this production is organized in the space of the cooperative and the lacemaker family nucleus existing in the researched area. The work, developed from the Information Science perspective, based on the line of research Information, Memory and Society, will renew the density of the look through new intersections of interpretations about how women in that region live and resist, how they think and establish their own or appropriate relationships. In this perspective, we try to unite the ethnographic approach, photographically documenting the lacemaker in the family production unit and in the cooperative, mapping the techniques developed and used. The research revisited the living spaces and memories of lacemakers, from a qualitative study that brought together interpretive techniques to describe and explain the components of the value system that give meaning to the cultural practices of lacemakers. From the narratives of these women, we discuss the preservation, appropriation and democratization of relationships in the context of information and memory environments, cultural heritage and the construction of identities.

Keywords: *Information. Memory. Renaissance Income. Identity. Cultural heritage*.

1 TESSITURA INICIAL

A informação transmitida a partir das memórias individuais ou coletivas influencia a formação moral e intelectual, o conceito de moradia, a escolha profissional, o lazer, os padrões éticos..., sua singularidade leva à construção social, seja ela de dimensões políticas, culturais ou econômicas. Seus múltiplos significados emergem pela maneira como são usados no cotidiano, nos momentos de negociação, da busca do consenso, da legitimação de regras que venham a governar a vida diária.

Logo, a informação aqui considerada é aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos. Trata-se de um fenômeno em que há produção de um bem simbólico, sua disseminação e consumo, o que implica na sua própria reprodução e recontextualização (AZEVEDO NETTO, 2007). Neste processo a informação nos proporciona possibilidades e caminhos diversos para construção e a constituição daquilo que podemos dizer ser "conhecimento social".

Desse modo, surge uma evocação para (re)constituir a prática da criação da renda renascença, mais especificamente aquela referente ao seu saber-fazer no semi-árido do estado da Paraíba, uma vez que a renda renascença faz parte do nosso objeto de pesquisa e está constituída de múltiplas histórias sob óticas diversas. Assim, enfocamos uma prática sociocultural e histórica, que lança um olhar que conjugue transversalmente a prática do trançar da renda renascença com as memórias individuais e coletivas das rendeiras de Camaláu-PB.

Neste delinear temático acerca da renda renascença, o aprendizado do saber-fazer rendas se dá em grande parte por meio de um processo empírico transmitido de mãe para filha e na interação de círculos sociais, bem como em cursos promovidos por centros de artesanatos, que disseminam informações, fazendo com que “o sujeito apropria-se não somente de um fazer, mas de toda a história e valores que o caracterizam e, ao mesmo tempo, imprime a estes sua marca singular” (BALBINOT; PEREIRA; ZANELLA, 2000). Ou seja, cada “mão” que tece, imprime sua maneira de fazer, característica do fazer artesanal. A este saber-fazer, chamamos de cultura, como (re)construção resultante de um processo de ensimesmamento, que é a interpretação

que o homem dá à sua vida, reunindo um conjunto de soluções que ele cria para os problemas do seu existir.

Para este trabalho, utilizaremos a cultura sob uma perspectiva antropológica, que representa um produto resultante do relacionamento do homem com seu meio físico, social, econômico e político. Para Gouveia Junior e Galindo (2012) a cultura poderá ser identificada como fenômeno social e humano de múltiplos sentidos, como manifestações que têm força simbólica e reconhecimento nas sociedades.

Assim, o conceito de patrimônio se apresenta com diferentes contornos semânticos conforme o contexto social e espaço-temporal no qual está e foi inserido, e para este trabalho, aceitamos a noção de patrimônio, como categoria de pensamento, no sentido de perceber as diversas dimensões significativas socioculturais e políticas que são cruciais para a manutenção dos grupos sociais humanos (GONÇALVES, 2009; SALAINI; GRAEFF, 2011).

Logo, é preciso entender a memória como fonte e matéria-prima do conhecimento, sendo criação do sujeito, individual ou coletivo, e sendo ela o substrato para a construção da objetividade que se faz pelo sujeito que interpreta e que narra. Evocando o passado, esse processo pensa e repensa o pretérito a partir de necessidades do presente, sendo a memória, portanto, mutante. Os grupos que a constroem estão em constantes transformações, passando por revitalizações e sofrendo ajustes derivados das necessidades da sua própria manutenção do, portanto:

> Nós temos que ser lembrados de que memórias e identidades não são coisas fixas, mas representações ou construções da realidade, fenômenos subjetivos em vez de objetivos. Estamos constantemente revendo nossas memórias para adaptar às nossas identidades atuais. Memórias nos ajudam a fazer sentido no mundo em que vivemos; e 'trabalho de memória' é, como qualquer outro tipo de trabalho físico ou mental, embutido em relações complexas de classe, gênero e poder que determinam o que pode ser relembrado (ou esquecido), por quem e para que fim (GILLIS, 1994, p. 1).

Diante do exposto, o presente trabalho enfatiza as relações humanas no "saber-fazer" das rendeiras de renascença do município de Camalaú-PB, a partir da ótica do patrimônio material e simbólico, objetivando evidenciar o universo sociocultural de uma

atividade artística, mediadora das memórias e identidades das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano.

A nossa perspectiva de estudo pretende compreender o laço indissolúvel entre vida e memória no seu viés das práticas sociais, indissociadas da tessitura social. Nas palavras de Bosi (2003, p. 54) "A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de referência peculiares a esse indivíduo". Ouvir o que as rendeiras da cidade de Camalaú têm para contar e refletir sobre o trabalho realizado pela memória dessas rendeiras nos levará a entender não apenas o caráter coletivo ou individual da memória, mas principalmente, o elo entre a história narrada e as condições materiais de sobrevivência dessas mulheres.

2 **A AGULHA CORRE E A RENDA CRESCE: o que a história conta**

No texto, **Information as thing**, Buckland (1991) apresenta a 'informação como coisa', 'informação como conhecimento' e 'informação como processo' e propõe a primeira como noção de informação pertinente à Ciência da Informação. Frente à pergunta 'o que é informativo?', o autor propõe abandonar a busca por objetos candidatos a serem considerados 'informação como coisa' e inverter a abordagem perguntando às pessoas o que elas identificam como coisas a partir das quais elas podem tornar-se informadas. Assim, interessa-nos especialmente a abordagem de Buckland (1991), quanto à informatividade dos documentos. Segundo ele, a documentação deve estar preocupada com objetos potencialmente informativos e nem todos os objetos potencialmente informativos são documentos no sentido tradicional de textos sobre papel.

Sabe-se que os documentos, como herança do passado, juntamente com outros elementos sociais, podem solidificar os laços culturais servindo de arcabouço à construção da identidade coletiva de determinado grupo. Logo, o conceito de patrimônio envolve-se por uma conservação de algo para alguém ou por um grupo, podendo ser um objeto material ou imaterial em busca de um saber, ambos herdados por alguém e transmitidos pela memória entre as gerações.

Le Goff (2003) ensina ainda que:

> A história, na sua forma tradicional, dedicava-se a "memorizar" os monumentos do passado, a transformá-los em documentos e em fazer falar os traços que, por si sós, muitas vezes não são absolutamente verbais, ou dizem em silêncio outra coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e o que, onde dantes se decifravam traços deixados pelos homens, onde dantes se tentava reconhecer em negativo o que eles tinham sido, apresenta agora uma massa de elementos que é preciso depois isolar, reagrupar, tornar pertinentes, colocar em relação, construir em conjunto.

Nesta perspectiva, os seres humanos (tanto individual como coletivamente) atribuem ao legado do passado e aos bens patrimoniais um valor de apreço individual ou social num dado contexto histórico e segundo as referências sociais da época. E nesse sentido, de acordo com a definição de Azevedo Netto (2008), o patrimônio pode ser entendido como "uma construção social". Por isso, deduz-se que aquilo que pode ser considerado patrimônio dependerá do que uma determinada comunidade ou grupo de pessoas, numa determinada época, considera digno de ser legado às gerações futuras.

Neste sentido, considerar a renda renascença como elemento da cultura material e imaterial Camaluense-PB é considerar uma técnica e, ao mesmo tempo, uma arte que se manteve ao longo do tempo no cotidiano das mulheres rendeiras (DANTAS, 2003).

Nesta análise, a renda, como trama, imagem e cultura material não é só representação: é o indício fundamental; o primeiro rastro para observarmos as memórias das mulheres rendeiras de Camalaú-PB, confundidas em torno do objeto produzido: a renda renascença. Há nelas a mãe, a tia, a vizinha que as ensinou, há os irmãos que não aprenderam, há a calçada onde foram produzidos os primeiros pontos, o intervalo em que não fizeram renda porque cuidavam do filho recém-nascido. As rendas não são somente adornos, mas repositórios das memórias.

Neste âmbito, a memória se registra por um processo de montagem. Toda montagem tem o seu eixo definidor que parte do indivíduo. É um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Pode ser uma forma

de (re)construção da identidade individual, ou uma forma coletiva (comunidades interpretativas) de se fazer história.

> Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si [...] (POLLAK, 1992, p. 200-212).

As discussões a respeito da memória e do patrimônio cultural têm sido cada vez mais pertinentes devido à ampliação das relações estabelecidas com a cultura na chamada era da informação e da mundialização cultural. Desta forma, não se pode falar de memória, articulando-a à identidade, sem inseri-la num afrontamento de forças e sem levar em conta que a memória é, antes de mais nada, um instrumento de reconhecimento identitário (GONDAR, 2000).

Neste sentido, a participação da memória na construção de identidades e vice-versa deve ser um princípio levado em consideração neste trabalho, pois ela é a protagonista principal da construção do presente e tem importância no retrato do senso comum. As representações dos fatos atuais são feitas a partir das memórias narradas pelas rendeiras de Camalaú-PB, gerando muitas vezes identidades cristalizadas.

Assim, as identidades estão inseridas em espaços e tempos simbólicos e “tem o que Edward Said chama de suas ‘geografias imaginárias’; suas ‘paisagens’ e características, seu senso de ‘lugar’, de ‘casa’, bem como as suas localizações no tempo” (HALL, 2006, p. 71-72), ligando o passado e presente, sendo possível projetar o presente de volta ao passado, construindo e favorecendo a dinâmica da memória.

2.1 **TECENDO OS FIOS DA PESQUISA: construção metodológica**

A Renda Renascença é aqui considerada uma expressão artística alicerçada na transmissão de saberes, através da voz, da performance, da memória e da observação de gerações de rendeiras. Cada uma tem uma "co-autoria” dessa arte, a partir da criação de pontos. A performance, que expressa significado nas mãos das artesãs ao recriar sua arte a cada ponto produzido, torna-as intérpretes de sua cultura. As mãos tecem à medida que os sonhos, as expectativas e as formas da criação e da vida vão sendo fixadas na memória.

O conhecimento adquirido com as leituras sobre metodologia da pesquisa nos ajudou a compreender que nossa pesquisa se caracteriza como **qualitativa**, por refletir os fatos a partir de um contexto social e de uma vivência com os atores que interagem nesse meio.

Neste sentido, adotamos para essa pesquisa uma abordagem etnográfica, partindo do conceito de Ouchi (2000) que define a etnografia como um método de pesquisa que busca captar valores culturais de um determinado grupo, através do ponto de vista do próprio grupo.

Durante o trabalho de campo, constatamos que a escolha de uma entrevista aberta, no estilo de uma conversa informal, mais do que um questionário pré-estabelecido nos traria uma riqueza especial nos relatos. Assim fizemos, no intuito de coletar dados sobre a história e a cultura das mulheres rendeiras da cidade de Camalaú-PB. A escolha de conversas informais aconteceu também pelo entendimento de que a memória não é algo linear e que às vezes coisas aparentemente sem conexão podem trazer à superfície lembranças que se assemelham, porque a memória advém de experiências de toda uma vida, ou seja: "as memórias podem ser descritas como experiências vividas que perpassam toda a vida do ser humano" (ANGELO, 2005, p. 123).

Para coletar os dados, nos apropriamos de um método que em geral, é adotado por pesquisadores que utilizam o método etnográfico, a história oral. Como nossa intenção era investigar os fatos por meio da memória individual e coletiva, vimos nessa escolha a opção mais adequada para atingir nosso objetivo.

Historicamente, Camalaú tem sido um dos municípios pobres e "esquecidos" do Cariri Paraibano. Fatores geográficos, históricos, políticos e culturais têm contribuído para isso. O seu "isolamento natural", as condições climáticas adversas, o domínio de uma oligarquia política secular, o "atraso cultural" que ainda transparece no alto índice de analfabetos e no baixo índice intelectual e profissional da grande parte da população - tudo isso influi na manutenção de um *status quo* de subdesenvolvimento, atraso, pobreza, marginalização, embora já tenham surgido importantes sinais de mudança nos últimos tempos (MARIANO SOBRINHO, 2015).

Uma vez instalados, passamos a partilhar da rotina da comunidade, o que significava ter de viver também o nosso dia-a-dia com todas as nossas necessidades de

sobrevivência como alimentação, comunicação, incursão à feira semanal pra tentar comprar frutas, superar o calor castigante da cidade, ou simplesmente retribuir a gentileza de algum camaluense quando oferecia rapadura para adoçar nossas longas caminhadas dentro da cidade.

De acordo com informações verbais[3] coletadas em uma das nossas entrevistas, foi a partir de 1972 que o trabalho da renda renascença se fortaleceu na cidade com a fundação da escola técnica de primeiro e segundo grau, que tinha como propósito melhorar a vida da comunidade. Na escola, as pessoas começaram a ter um contato maior com a realidade social dos alunos, que eram filhos e filhas de mulheres rendeiras, conhecendo suas dificuldades e carências.

Na ocasião, foi feito um levantamento do quantitativo de mulheres rendeiras na cidade de Camalaú, e foi constatado que numa população de aproximadamente 4.000 (quatro mil) habitantes, havia 1.000 (hum mil) pessoas entre mulheres, crianças e adolescentes, que trabalhavam com a renda renascença. Embora produzissem uma renda que não era de muita qualidade, todos sabiam fazer trabalhos com pontos específicos para produzir rendas especiais.

A partir da atuação da escola junto a essas pessoas, deu-se início a um trabalho de comunidade que na época, contrariava os objetivos da ditadura militar então instalada no país, porque se defendia a participação livre das comunidades no processo de seu próprio desenvolvimento e crescimento, onde as pessoas tivessem autonomia (pensassem com sua cabeça e andassem com seus próprios pés). A partir dessa iniciativa, surgiu o primeiro projeto de apoio às rendeiras da cidade de Camalaú.

O projeto consistia em reunir as rendeiras para discutir com elas as necessidades e o potencial na produção da renda renascença e aprimorar a qualidade do trabalho, sobretudo, orientar em termos de qualidade para melhorar a comercialização, porque naquela época já havia pessoas fazendo o papel de atravessador(a), comercializando e vivendo à custa do trabalho das milhares de artesãs que, embora trabalhando constantemente na produção da renda renascença, não tinham como sobreviver porque

[3]As informações foram passadas pelo Sr. Antônio Mariano, esposo de uma das nossas entrevistadas e uma das figuras mais respeitadas na cidade de Camalaú, por sua atuação política e social (por várias vezes foi eleito vereador na cidade) tendo ajudado a fundar a escola técnica profissionalizante, na década de 1970 e na organização dos primeiros grupos de mulheres rendeiras na cidade.

o ganho era muito pouco comparado ao dos homens. Estes trabalhava na agricultura como trabalhadores alugados, e embora recebessem por dia de trabalho uma quantia que já era baixa, seus ganhos eram superiores aos das mulheres, pois elas tinham que trabalhar uma semana receber o que o homem ganhava em apenas um dia de trabalho.

A partir do ano de 2000, com a fundação da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú, a renda passou a ser confeccionada não somente no espaço do lar, e a mulher artesã, que também desempenha as atividades de mãe e dona-de-casa, passou a assumir uma nova rotina de trabalho fora do universo doméstico.

> Elas trabalham na sua maioria, sem ordem, sem conforto, sem o menor tempo necessário, tendo mil coisas que fazer na mesma hora, sentada na [cadeira], rodeada pelos filhos que as chamam de quanto em vez, das filhas às quais procuram ensinar a arte desde criança, cercadas quase sempre de galinhas e animais que criam, deixando por vezes a tarefa que se empenham para atiçar o fogo, temperar a panela, lavar a roupa da casa, que sei eu? ...para atender mil labores de uma dona de casa pobre que tem que fazer todos os serviços. E estas rendas saem perfeitas e limpas como se a artista que as tivesse executado tivesse todo o conforto e uma sala de trabalho convenientemente preparada (MALUF; MOTT, 1998, p. 418).

A princípio, nossa intenção era ter como universo de pesquisa o cadastro das mulheres que fazem parte da associação, no entanto isso não foi possível uma vez que o mesmo se encontra desatualizado. Muitas mulheres já não moram mais na cidade, outras já não trabalham mais com a renda e nesse caso, elas não poderiam contribuir com as informações que necessitávamos. Assim, diante dessa impossibilidade inesperada, as rendeiras participantes da pesquisa tinham que ser aquelas com o saber-fazer como memória cultural/tradição, que tenha sido passado de geração a geração (mãe, irmã, avó, neta, tia, dentre outros).

Figura 1 - Mãe, filha e neta na feitura da renda renascença



Fonte: Arquivo pessoal de Geysa Flávia Câmara de Lima.

Os gestos cotidianos podem adentrar nos processos de subjetivação de forma a localizar a pessoa a partir de sua experiência concreta no mundo. Seus fazeres vistos em ato e em movimento e não em um tempo acabado de tarefa concluída. Refiro-me ao fazer em processo, a ação. As rendeiras de Camalaú não param de produzir. Seu modo de fabrico é diário e cotidiano. Inferimos, assim, que há uma forma de ser (haver?) fazendo, tecendo, alinhavando a vida. Porque tudo se implica e se aplica reciprocamente. Assim, conceber esse universo do fazer é algo não compartimentado, é um fluxo perene e não uma identidade imóvel.

Queremos partir dessas preocupações para dar destaque não às identidades femininas por si mesmas, muito menos para informar sobre o saber-fazer da renda renascença, mas, sobretudo, compreender como as memórias individuais e coletivas das rendeiras de Camaláu auxiliam a construção das identidades locais e fortalecem a construção artística da produção de rendas renascença.

2.2 UNINDO OS PONTOS: a análise dos dados

O trabalho artesanal das mulheres rendeiras de Camalaú-PB expressa um saber-fazer carregado de sentidos afetivos que dá margem para muitas interpretações. A produção das peças tem uma carga simbólica que representa sonhos, desejos e a própria história de vida dessas mulheres.

Para Davel, Cavedon e Fish (2012, p.13) "o fazer artesanal revela-se em toda a sua força pela marca profundamente humana que imprime em objetos, atividades e processos". Como se trata de um fazer de tradição familiar, esses sentimentos perpassam a outras gerações e, no nosso entendimento, é ele que imprime nas mulheres rendeiras o desejo de manter a memória cultural, repassando o conhecimento às novas gerações de suas famílias, como podemos perceber nas falas a seguir.

> "Eu aprendi com minha vó que é uma das rendeiras mais conhecidas aqui e, minha mãe que já até professora aqui. Eu e todos os meus irmãos. Meus filhos ainda são pequenos, mas eu vou ensinar a eles quando tiverem maiorzinho, porque eu acho importante que eles aprendam e no futuro possam ter uma profissão pra ganhar dinheiro e pra manter a tradição da família também." **(Simone)**

> "Eu aprendi a fazer renda com cinco anos com ela (aponta para a mãe). Já ensinei meus filhos, já ensinei outras pessoas, por onde andei. Minhas irmãs mais velhas do que eu, já sabiam porque a nossa mãe ensinou, e eu fui no mesmo caminho. Então hoje, aqui em casa todo mundo faz renda, até meu filho." **(Maria José)**

As narrativas acima, nos remetem a Freire (1998, p.115), quando diz que "ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho, caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar". O caminhar dessa memória cultural tem sido de forma coletiva, revisitada e reconstruída pelas mais jovens que apesar, das dificuldades para se afirmar e se reconhecer profissionalmente como artesãs, continuam acreditando num saber-fazer que se configura como uma herança cultural.

Todas as narrativas confirmam essa herança, a valorização da observação e das experiências cotidianas e, a presença de alguém próximo (familiar ou amigo), atuando como agente mediador na transmissão do conhecimento. Os encontros que essas mulheres costumam fazer durante suas tardes para, juntas, produzirem a renda renascença, se configuram como momentos de interação social onde ocorre a troca de experiência e a promoção da aprendizagem e de valorização do saber e do fazer.

É esse saber-fazer que dá a elas uma visibilidade maior, tanto no cenário local quanto global, através das peças produzidas, que pelas mãos de diferentes pessoas ganham o mundo e reafirmam o reconhecimento da atividade artesanal, como um artefato da cultura.

É a partir da técnica tradicional que domina e dos materiais preexistentes já elaborados, que a rendeira opera na criação/recriação da renda. Neste processo, embora tenha à sua disposição uma grande variedade de opções representada pelo repertório de pontos e de materiais, as escolhas não são ilimitadas. Os instrumentos e materiais utilizados para confecção da renascença na Paraíba são basicamente os mesmos empregados há quatro séculos na Europa. Constituem-se das mãos, da almofada, da agulha, da linha, do dedal, do *lacê*, da tesoura e do ferro de passar.

A Informação contida nos objetos do cotidiano, enquanto fenômeno cultural é identificada e localizada de acordo com o estado que tais manifestações se apresentam

para o seu receptor, já que é ele que vai constatar seus limites e contornos. Esta Informação pode se apresentar de várias formas e de naturezas diversas, desde as mais técnicas, passando pelas formais, até as interpretativas, como foi abordado por Azevedo Netto (2008).

Nessa concepção, pensando a memória vinculada ao "saber-fazer" das rendeiras de renascença de Camalaú, destacamos que ela se encontra atrelada a um contexto social, cultural e temporal, vislumbrando o seu potencial como fenômeno social. Assim, podemos percebê-la como conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, detêm experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade com esse passado imediato ou remoto (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2007, p.32).

Figura 2 – Saber-Fazer da Renda Renascença



Fonte: Arquivo pessoal de Geysa Flávia Câmara de Lima.

É singular a fala da senhora Maria José, ao declarar quão importante é, para ela, fazer parte do processo de transmissão do saber-fazer da renda renascença para os membros de sua família, para não permitir que a memória se perca.

> Não quero que meus filhos tenham a renda renascença como profissão, não. Mas, como hobby. Para manter a cultura. Assim, como artesanatos, muito bonitos. Eu sou apaixonada por artesanato. Inclusive se eu entrar em uma loja, eu procuro logo um artesanato. Aí como eu gosto muito de artesanato, e eles gostam muito de artesanato, desde que sejam os outros que façam. Eles não gostam muito de fazer, não. E aí eu quero deixar com eles o que eu sei de

> artesanato para eles fazerem. Porque eu sei fazer renda, sei fazer tapeçaria, por que hoje eu incentivo ela a fazer, porque eu quero que ela aprenda todos os pontos. Mesmo com preguiça e tudo, mas eu quero ensinar, para ela aprender todos. Para não morrer a cultura. Os mais idosos, estão indo embora. Se o jovem não aprender, ela vai acabar morrendo, a cultura. Vai acabar morrendo. E é um trabalho tão bonito, tão minucioso, tão valoroso, porque não tem valor aqui, por que não tem valor mesmo. Mas, aí fora, tem muito valor a renda. Então, eu acho uma pena morrer. Por que é uma coisa que só tem aqui no Cariri.

Quando acontecimentos do passado são reconstituídos por meio das lembranças, cada indivíduo os relembra de acordo com a realidade na qual está inserido. Mas, ela pode ser também a reconstrução da memória de um passado que é trabalhado para construir a identidade de um grupo. São essas lembranças que dão sentido à vida, passada e presente, elas são construídas de acordo com nossa cultura, dando aos indivíduos nela inseridos o sentido de pertencimento.

Essa relação da memória com o espaço/tempo é evidenciada também no sentimento de pertença, onde fica explícito para essas mulheres que não há diferença entre a rendeira da zona urbana com a que mora e produz na zona rural e, não existe uma demarcação de território dividindo essa memória cultural. Todas se reconhecem como "rendeiras de Camalaú", que juntas, vivenciam as mesmas situações de dificuldades. Elas são a própria constituição dos espaços urbanos e rurais que possibilitam a todos, interação, sociabilização e o fortalecimento de laços afetivos para além da relação familiar que caracterizam uma construção simbólica (BOURDIEU, 1997) e a produção do patrimônio cultural, que é a razão maior do convívio mútuo, das práticas habituais e da memória cultural, como mostram as narrativas abaixo.

> "Quem vive num lugar como esse (aponta para os lados), tem que ter amigo e ser amigo e todo mundo, porque na precisão, a gente tem a quem ir, num é? Aqui, todos se ajudam" **(Flávia)**

> "Nos sítios ou aqui na cidade, as pessoas são muito de ajudar. É um lugar pequeno." **(Cândida)**

> "A comunidade sempre se ajuda, um vai ajudando o outro e é assim que a gente vai vivendo. Temos muitas pessoas que precisam de ajuda, então é importante se unir, e se ajudar." **(Marcilene)**

As lembranças e as vivências no cotidiano fundamentam as identidades que são fortalecidas pelo compartilhamento do saber-fazer e a manutenção da memória cultural. A atitude das mulheres em buscar uma organização, por meio de uma associação que as represente e as ajude com seu trabalho, reforça a identidade do grupo perante a sociedade. Bosi (1994, p. 55) considera que as lembranças significam "uma imagem construída pelos materiais que estão agora à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual".

Diante disso, não existe uma memória exclusivamente individual, pois, estando o indivíduo inserido em diferentes grupos, tem sua memória influenciada, ao mesmo tempo em que influencia valores, modos de vida, representações. Assim, a memória, para Bosi (1994, p. 55) significa que "na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado".

Assim, na história de vida de cada uma das rendeiras de Camalaú, estará presente o passado vivo, história vivida da qual cada uma delas participou ou ouviu falar, corrente contínua de pensamento e experiências, como podemos observas nos relatos abaixo:

> "O primeiro objeto que eu vendi para comprar um vestido, foi uma brusa eu vendi a brusa e comprei um vestido. Foi quarenta e cinco mil réis. Eu me lembro até do preço quarenta e cinco mil réis. Porque era no tempo de mil réis. E aí quando eu estava com 16 anos, eu me casei e haja menino, e eu trabalhando, trabalhava até de noite para vestir meus filhos, para comprar alguma coisa, por que eram muitos. Aí o pai trabalhando coitado para fazer a feira e aí quando estava no fim de semana, quando estava fraco, eu tinha com o que inteirar. Aí trabalhava para uma mulher de Jataúba. Passava a semana trabalhando e quando era sexta-feira, eu ia levar. Recebia o dinheiro e lá mesmo eu comprava as coisas do menino. E assim foi a minha vida e aí depois deles criados, eu sofri muito ensinando as meninas, uma fazia uma coisa, outra fazia outra, precisava de uma roupa, eu comprava com o dinheiro da renascença." (Maria de Cobrinha)
>
> "As coisas era tudo mais difícil, eu fico me lembrando que eu ia aprender com minha amiga, e eu num tinha as coisas que precisava (material, linha, agulhas)." (Cândida)
>
> "Eu era uma criança e era muito pobrezinha, ainda sou, mas, não tinha dinheiro para comprar isso. A gente comprava umas tiras de pano e costurava no papel. E a linha era de algodão. Alinhavava e fazia." (Helena)

Durante as entrevistas, percebemos através das expressões e dos olhos marejados o quanto foi difícil para algumas dessas mulheres revisitar o passado e relembrar uma vida de dificuldades e sofrimentos que a maioria delas teve. Contudo, houve risos ao lembrar dos primeiros trabalhos ainda mal-acabados, das tardes divertidas de aprendizagem e da alegria em receber o dinheiro, oriundo da venda do primeiro trabalho com a renda renascença. Foi um momento também de manifestar preocupação com o futuro desse ofício (rendeira), como podemos observar nessa narrativa:

> "Então, é aquele negócio se eu não ensinar a minha filha amanhã eu não tou mais aqui. Então, ela não tem mais como ensinar a filha dela. E cultura, ou você passa de geração em geração, ou ela morre. Acaba. E a herança que eu acho que a gente tem que deixar para o filho é o aprendizado. Independente, de ser uma coisa de valor, que dê dinheiro ou não. Mas, que dá para ganhar dinheiro ou fazer a feira hoje, não dá não. É só mesmo para não deixar acabar mesmo. Mas, dinheiro, não dá mesmo para ninguém. Não dá para sobreviver não. De jeito nenhum. Mas, tem que ter cuidado porque um dia ninguém vai mais querer fazer renascença." **(Cândida)**

É importante destacar que nem todas que aprendem e fazem a renda renascença, se tornam rendeiras. Assim, existe uma preocupação com a continuidade do saber-fazer a renda e principalmente de como as informações serão repassadas para gerações futuras.

Se considerarmos que ao envolver as pessoas pertencentes ao grupo e/ou comunidade das rendeiras de renascença da cidade de Camalaú, dá-se a oportunidade de a própria comunidade contar as histórias, falar sobre suas referências, dizer o que realmente tem importância e decodificar ao seu modo as relações de saberes ali existentes, agregando compromisso em torno de um sentimento coletivo de reconhecimento do patrimônio imaterial, para o qual todos devem investir esforços visando sua preservação.

Além de pensar o patrimônio imaterial em todas as suas expressões, a discussão sobre memória, por exemplo, também faz parte da rotina das mulheres rendeiras de renascença. Estamos tratando de cultura, que traz consigo uma carga de historicidade que não pode ser deixada de lado.

Nessa mesma direção, a memória tem a função de definir aquilo que é comum a um grupo e ao mesmo tempo, diferenciar um do outro, com isso, fundamentando e reforçando os sentimentos de pertença e as fronteiras socioculturais, ou seja, a memória é um elemento essencial para a construção e a reafirmação das identidades.

Dentro de toda a realidade descrita, vale salientar que conhecer a trajetória do saber-fazer da renda renascença foi de fundamental importância, além de observar que essas memórias serviram de influência na composição das tramas das rendeiras, no sentido de perceber que a materialidade dessas informações se constitui a partir de um fenômeno social, ou seja, a informação passa do estado intangível (informação como conhecimento) para o estado tangível (informação como coisa), conforme aponta Buckland (1991).

O valor da renda renascença, portanto, está ligado ao papel que exerce em um sistema simbólico mais amplo. A renda renascença oferece certa transcendência para suas produtoras e compradores. Não são meros pontos costurados por mãos habilidosas, mas exemplares de uma história. Ela (a renda renascença) aponta relações com o passado, com um tempo cuja paciência e cuidado com a produção ritmavam os dias. Aponta também relações para o futuro, uma vez que é herança deixada aos filhos, perpetuando, desta forma, a memória de sua origem e do que se considera belo.

3 TESSITURA FINAL

Ao estabelecer relações conceituais entre a informação, memória, cultura e patrimônio, o referencial teórico utilizado foi o horizonte oferecido por Le Coadic (2004), defendendo a Ciência da Informação como uma área que deve, sobretudo, estudar o homem e a sociedade, com o propósito de compreender o problema social concreto e que faz parte dessa relação: a informação. Ou seja, entender as dinâmicas de construção, comunicação e uso da informação e os papéis sociais de cada usuário, em seus devidos contextos.

Neste sentido, registrar e descrever as práticas inerentes ao saber-fazer das rendeiras de Camalaú possibilitou comprender que o saber-fazer dá a elas uma visibilidade maior, tanto no cenário local quanto global, através das peças produzidas,

que pelas mãos de diferentes pessoas ganham o mundo e reafirmam o reconhecimento da atividade artesanal, como um artefato da cultura, perpetuando a memória das experiências vividas, configurando uma reconstrução da memória coletiva e uma reconfiguração da identidade cultural dessa comunidade.

A memória cultural de fazer renda renascença na cidade de Camalaú, vem da tradição oral e é herança transmitida de mãe para filha, de geração em geração. São herdeiras de uma cultura focada na tradição oral, mas estão mergulhadas em uma organização social onde a palavra escrita é preponderante. As mãos que tecem a renda, nem sempre são macias e finas. Às vezes têm calos de trabalhos árduos – trabalho de roça, lavando roupa, cuidando da casa com a vassoura na mão e fazendo a mais delicada trama de linhas por entretenimento, como me contou uma rendeira mais idosa e experiente. Evocam beleza onde a realidade parece árdua.

A relação dessas mulheres com seu trabalho é intensa: elas se identificam e são identificadas por essa atividade. O trabalho é assim parte integrante das identidades individuais e coletivas. A cultura da renda se sustenta em uma rede de interações e se comunica com modelos socialmente construídos. Ademais, o repertório das rendas pode ser entendido como representações que carregam mensagens sobre a sociedade e sobre a identidade das pessoas que as criam.

Mesmo sabendo que a memória pode ser, e sempre será, seletiva, e que alguns fatos, pessoas e momentos vividos inevitavelmente desaparecerão antes de nos apercebermos, a memória nos dá a faculdade de acumular, somar. E numa teia complexa, cada uma destas mulheres rendeiras evoca lembranças, memórias e narrativas. E estas memórias também se entrecruzam e se sobrepõem, transitando entre as recordações e as lembranças por elas despertadas. Além de evocar marcas de uma história coletiva, pois fazem parte de uma ampla conjuntura de acontecimentos.

Neste percurso de construção, foram muitos caminhos, marcas na estrada de barro, visitas, emoções, olhares e muita curiosidade. Não temos tijolo, pedra ou cal. O que temos são sorrisos, alegrias, fotos, depoimentos, anotações, calor, sítios e muito amor. Compreendemos que a 'renda renascença feita com amor' revela uma busca pela perfeição, disciplina, domínio das técnicas e a ciência da escolha dos pontos para fechar os espaços do desenho. Uma renda bem executada, segundo o senso corrente, deve

guardar em seu avesso o mesmo cuidado, beleza e simetria, apresentados no lado direito da peça.

Ser rendeira de renascença é, também, ter um avesso. São trabalhadoras, mulheres, comerciantes, negociadoras. Esse "avesso" pode ser o resultado da própria formação adquirida com as informações no processo do saber-fazer a renda. Podem ser os significados atribuídos à sua renda, mas que falam, também, das convenções e dos modelos sociais, bem como da complexidade das relações das quais elas precisam compartilhar, pois são, antes de tudo, as narradoras das suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

ANGELO, E. R. B. **Tecendo rendas**: gênero, cotidiano e geração lagoa da conceição – Florianópolis/SC. 2005. 249f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Informação e memória: as relações na pesquisa. **História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, jul./dez., 2007. Disponível em: http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/download/412/302. Acesso em: 8 jun. 2017.

_____. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez., 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ci/v37n3/v37n3a01.pdf. Acesso em: 8 jun. 2017.

BALBINOT, G.; PEREIRA, R. S.; ZANELLA, A. V. A renda que enreda: analisando processos de constituir-se rendeira. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200011. Acesso em: 6 jun. 2017.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOURDIEU, P.**O poder simbólico**. Tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science (JASIS)**, v. 45, n. 5, p. 351-360, 1991.

DANTAS, B. G. Artur Ramos: entre rendas de bilros e o sertão do São Francisco. **Canindé:** Revista do Museu de Arqueologia do Xingó, [S.l.], n. 3, 2003. Disponível em: http://max.ufs.br/uploads/page_attach/path/1573/Caninde_03.pdf. Acesso em: 8 jun. 2017.

DAVEL, E.; CAVEDON, N. R.; FISCHER,.A Vitalidade artesanal da gestão contemporânea. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social- RIGS**, v.1, n.3, p. 13- 21, set. / dez. 2012. Disponível em: www.rigs.ufba.br. Acesso em: 22 de fev. de 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GILLIS, J. Introduction: memory and identity: the history of a relationship. *In:* _____. (ed.). **Commemorations:** the politics of national identity. Princeton: Princeton University Press, 1994, p. 3-24.

GONÇALVES, R. C. **Vidas no labirinto**: mulheres e trabalho artesanal – um estudo sobre as artesãs da Chã dos Pereira, Ingá/PB. 1996. 160f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1996.

GONDAR, J. Lembrar e esquecer: desejo de memória. *In:* GONDAR, J; COSTA, I. T. M. **Memória e espaço**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.

GOUVEIA JÚNIOR, M.; GALINDO, M. Sistemas memoriais como disseminadores de informação. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 207-217, set./dez., 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n3/a05v24n3.pdf. Acesso em: 6 jun. 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós–modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de janeiro: DP&A, 2006.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recôndito do mundo feminino. *In:* SEVCENKO, Nicolau. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

MARIANO SOBRINHO, A. **Rio do Camará**: a epopéia de mais um século. 3. ed. Camalaú: Academia de Cultura Princesa do Cariri, 2015.
MATOS, M. I. S. de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru: EDUSC, 2002.

OLIVEIRA, B. M. J. F.; AZEVEDO NETTO, C. X. de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. *In:*

FECHINE, I.; SEVERO, I. (Orgs.). **Cultura popular**: nas teias da memória. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 27-51.

OUCHI, C. S. C. **O global e o local na construção da identidade**: um estudo em marketing e antropologia de adolescentes. 2000. 112f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: http://objdig.ufrj.br/41/dissert/Cristina_Ouchi.pdf .Acessoem: 8 jun. 2017.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1941/1080. Acesso em: 8 jun. 2017.

SALAINI, C. J.; GRAEFF, L. A respeito da materialidade do patrimônio imaterial: o caso do INRC Porongos. **Horiz. antropol**., Porto Alegre, v.17, n.36, jul./dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000200008. Acesso em: 6 jun. 2017.